

## CAPITULO V

A linguagem como expressão dos factos psychologicos. — A sifnase e as suas diferentes formas. — O schema de Charcot.

Há como é sabido diferentes espécies de linguagem, segundo a qualidade do signal que pode exprimir o phénomeno noológico. Assim existe a linguagem tactil, manifestada por contactos e pressões; a linguagem ocular por movimentos, desenhos e figuras; a linguagem auricular por sons. As outras duas formas de percepção exteriora, que produzem odores ou sabores, não podem servir de matéria à expressão de phénomenos psychicos, porque da sua natureza não podem resultar sensações com esta modalidade. A linguagem tactil é aproveitada pedagogicamente na

educação dos cegos-surdos-mudos; a linguagem visual é empregada sobretudo no ensino dos surdos-mudos. A linguagem vocal é de todas a mais vantajosa, porque ouve-se tanto à luz como na escuridão, a variedade dos fonemas é bastante e a sua rapidez é enorme, por isso não admira que fosse universalmente preferida pelo homem. A divisão da linguagem, assim feita, tem por base a natureza do sinal e não a natureza do elo que liga o sinal ao pensamento; considerada sob este aspecto a linguagem divide-se em convencional e natural. Esta divisão inteiramente aceita na philosophia classica, considerava como linguagem convencional ou artificial — a palavra, visto ella ser obra do homem, mudar com os povos, e com o tempo e carecer de aprendizado. Considerava como linguagem natural aquella que a propria natureza nos ensina, e que consiste nos gestos, movimentos de physionomia, attitudes do corpo, sons inarticulados, e intonações de voz, podendo servir-se d'ella tanto o homem como os proprios animaes sem previo aprendizado.

Esta linguagem exprime as nossas emoções d'un modo espontâneo e synthetico, sendo como todos os signaes a revelação d'uma alma para outra alma.

Como a voz é um phemoneno de producção natural instinctiva, de que o homem se aproveita empregando-a reflectivamente, pôde dizer-se que a voz articulada é uma forma de linguagem natural, exprimindo não só as emoções e os sentimentos, mas os pensamentos, ainda que revelando em tudo o carácter intencional. Esta especie de linguagem participa ainda mais da natureza, porque, se o homem considerado como unidade social, é o orgão da palavra, a larynge e os seus auxiliares são o orgão produtor do phonema, carecendo este para animar a expressão, do relevo e vida que lhe vem do gesto, movimento dos olhos, jogo da physionomia, etc. Segundo esta ordem de idéas, seria tida unicamente como linguagem artificial ou convencional, a serie das linguagens escriptas, usadas na chimica, na algebra, na musica, na escripta telegráfica, ou das linguagens não escriptas, usadas nos signaes da marinha, na trans-

missão semaphorica, no telegrapho optico, ou no telegrapho dos povos antigos, como o empregado entre os romanos, que era uma torre quadrangular, terminada por uma tocha de resina inflamada, disposta com o fim de transmitir o pensamento por signaes phrasicos. Havia além d'este processo telegraphico, o complicado sistema de Polybio que se ignora se foi alguma vez praticado. Linguagens d'esta ordem são as que devem ser chamadas puramente arbitarias ou artificiaes. Na linguagem articulada ha elementos fornecidos pela natureza e elementos fornecidos pela actividade reflectida, por isso não pode dizer-se que a palavra seja exclusivamente natural ou artificial.

As hypotheses sobre a origem e a natureza da palavra provocaram, entre os philosophos do seculo XVIII, algumas discussões pouco proficias para a sciencia. Uns sustentavam que a palavra era de invenção artificial outros de revelação sobrenatural; De Bonald, sobretudo, sustentou com brilho esta ultima theoria. Hoje os glottologos mais eminentes, como Renan e Max Müller, já precedidos por no-

traveis philosophos, como Reid, Garnier, Jouffroy, propugnam a opiniao de que a palavra é producto d'uma faculdade especial, o *instinto*, affirmando que o homem nasce fallando como nasce pensando. Esta theoria pôde chamar-se de *relação natural* o que equivale á theoria de revelação sobrenatural, porque o instinto é um dom da natureza ou de Deus, segundo a escola metaphysica, professada pelo lingüista. Não podemos de modo nenhum aceitar a these que affirma, que as linguas tem origem n'uma faculdade instinctiva; porque, se assim fosse, não haveria diversidade de linguas, a natureza creava uma só lingua ou pelo menos, raizes communs a todas as linguas, e tal não sucede, porque as raizes das linguas, melhor estudadas, como as aricas e semiticcas, são irreductiveis actualmente a um typo commun, e sem nemhumas esperancas de virem a sê-lo, em face das mais minudenciosas investigações, fornecidas pela phonetica, pela morphologia ou pela semantica (do grego *semanino*) significar, segundo Michel Breal. Mas além d'este argumento triumphante a theoria da re-

velação pelo instinto admite inutilmente a iminéidade d'uma língua no espírito do homem, o que é inaceitável, porque isso implica consigo a iminéidade das idéas, correspondentes ás palavras da língua. E preciso não admitir a iminéidade, nem das idéias nem das palavras e explicar a expressão das idéias por meio das palavras, como fructo d'uma elaboração progressiva da línguagem natural, operada sob o impulso da necessidade com o auxilio, exercício e desenvolvimento de todas as faculdades humanas.<sup>1</sup>

Withney no seu bello livro *La vie du langage*, prova como a línguagem inicial é rudimentar e como o homem de grau em grau, progressivamente, inventou este prodigioso instrumento do espírito humano, tendo para isso empernado n'essa lucta, milhares e milhares de gerações.

A línguagem estudada sob o ponto de vista psychologico, apresenta quatro fases sucessivas na sua longa evolução :

I.<sup>a</sup> *Emprego intencional de certos signaes particulares.* O conjunto de signaes na turas traduzindo emoções intenções, não sendo usados com intenção, não constituem verdadeiramente a línguagem.

2.<sup>a</sup> *Concepção da idéia geral do signal e da linguagem.* Esta phase tem ainda mais alto valor, porque n'ella se trata de elevar o emprego d'um signal particular para um fim particular, á idéia do emprego de signaes para fins diversos e com elles exprimir todos os factos da consciencia.

3.<sup>a</sup> *Cração do material dos signaes tipicos da línguagem natural.* O espirito humano era incapaz de crear toda a materia prima do seu primeiro e mais precioso instrumento, por isso serviu-se dos gestos e do som, encontrados na linguagem natural, por serem estas duas espécies de signaes susceptiveis de ser reproduzidos e variados à vontade.

Se os homens fossem surdos mudos, falavam por gestos, mas a voz, por causa das suas manifestas vantagens, foi preferida, deixando aos gestos um papel auxiliar.

<sup>1</sup> Leçons de philosophie, par Elie Rabier, pag. 599.

I.<sup>a</sup> *Emprego intencional de certos signaes particulares.* O conjunto de signaes na turas traduzindo emoções intenções, não sendo usados com intenção, não constituem verdadeiramente a línguagem.

2.<sup>a</sup> *Concepção da idéia geral do signal e da linguagem.* Esta phase tem ainda mais alto valor, porque n'ella se trata de elevar o emprego d'um signal particular para um fim particular, á idéia do emprego de signaes para fins diversos e com elles exprimir todos os factos da consciencia.

3.<sup>a</sup> *Cração do material dos signaes tipicos da línguagem natural.* O espirito humano era incapaz de crear toda a materia prima do seu primeiro e mais precioso instrumento, por isso serviu-se dos gestos e do som, encontrados na linguagem natural, por serem estas duas espécies de signaes susceptiveis de ser reproduzidos e variados à vontade.

Se os homens fossem surdos mudos, falavam por gestos, mas a voz, por causa das suas manifestas vantagens, foi preferida, deixando aos gestos um papel auxiliar.

<sup>4</sup> *Expressão dos outros objectos por*

aplicações análogicas das palavras existentes. Parece difícil explicar como, por meio da voz podemos exprimir todos os objectos, mas comprehende-se esse phe-nômeno, observando que a natureza do nosso espírito, tem a faculdade de achar relações, de generalizar, dando aos nomes uma extensão analógica, segundo certas modificações. Muitas e variadas podem ser as relações, que motivem a aplicação a objectos novos, d'um nome dado a certo objecto, mas entre elas sobressaem especialmente as relações de tempo, espaço, causalidade e analogia.

A linguagem como intermediária entre dois pensamentos de personalidades diferentes, deve a sua existência à nossa actividade psychica e nasceu, mais da necessidade de nos fazermos entender dos outros, do que da necessidade de nos esclarecermos a nós próprios. No entanto, quando surgem os phenomenos da consciencia, todos os seus elementos coexistem amalgamados intimamente e é a palavra que os torna mais claros e mais distintos, provocando contantemente, por necessidade inventiva

á sua natureza, uma analyse psychologica. Os factos provam que as línguas são synthéticas antes de se tornarem anályticas, assim as línguas modernas são mais profundamente anályticas do que eram as línguas antigas. A língua samskrita, a grega ou a latina expressavam muitas idéas e relações respeitivas, por uma palavra, ao contrario as línguas modernas congeneres procedem por decomposição do pensamento, exprimindo diferentes idéias e suas relações por palavras destacadas. O carácter d'uma língua depende do modo como se allia a palavra com o pensamento. Na syntaxe a ordem directa é a mais lógica, conseguintemente a mais conforme com a clara expressão das idéias. Nas línguas antigas e ainda nas modernas línguas germanicas a ordem inversa é a predominante, porque na primeira phase da evolução psychica a primeira idéa que vem aos labios é o objecto da accão em vez do sujeito. As línguas de syntaxe inversa sobrepujam as outras na poesia, mas são muito mais imperfeitas na clareza e na limpidez da prosa científica. Este

facto, está de harmonia igualmente com o nosso modo de ver, sob o ponto de vista do progresso estheticó. A barbaria, como mais perta da natureza, guarda o segredo da cor e da forma, na expressão symbolica. O que, as línguas cultas, de longa evolução histórica, perderam, em beleza, ganhararam-no em lógica. O magnificoso e o pittoresco, próprios da infância da humanidade, é substituído pelo verdadeiro, pelo positivo, visto face a face pela intelligencia, sem intervenção de symbolos. A sciencia caminha, como é obvio, a arte desfallece. A intelligencia do homem primitivo, confusa e fraca, não vê os objectos senão n'um todo concreto e complexo, é por este facto também, que as creanças, por falta de precisão nas ideias, se servem muitas vezes, de termos gerais, quasi sempre obscuros. E, que a intelligencia manifesta-se antes pelo exercicio espontaneo, por natureza synthetico, do que pelo exercicio reflectido, que é por natureza analyticó. O que é verdadeiro na vida individual do homem, é igualmente verdadeiro na vida da humanidade, porque segundo a phrase celebre

de Pascal «a humanidade pôde ser considerada como um único homem que subsiste sempre e que aprende continuamente.» O homem é um ser sensível e emotivo, navel, antes de ser raciocinante, por isso a poesia apareceu antes da philosophia. E só também evoluíramente que a linguagem symbolica e as construções phrasicas inversas, cedem o lugar à expressão científica e à construccion lógica. Quanto mais as línguas se afastam da sua origem, diz Renouvier, tanto mais perdem na sua poesia, e tanto quanto a poesia está na imagem, mas em com pensação mais ganham em lógica. Este enfraquecimento do symbolo é grande nos idiomas derivados amalgamados, alterados e torcidos de mil maneiras, onde a consciência vulgar da compo sição e do valor etimológico das palavras está perdido, onde por conseguinte o signat é puramente instinctivo e quasi convencional. Estes idiomas têm mesmo uma syntaxe bastante analytica, porque a forma da palavra não lhes assigna lândo suficientemente as relações gramaticais; e preciso recorrer-se ao tem-

prego de particulares que as exprimam e ao mesmo tempo submette-las à uma lei de posição. No intretanto os vícios do symbolismo primitivo notam-se nestes idiomas ainda. O principal, se este não é o único, é a necessidade de personificar os nomes das coisas de attribuir paixão e vontade a todos os asumptos do discurso. De ali esta regra de *generos*, que nos obriga a distinguir pelo sexo, objectos que o não têm, uso hoje perfeitamente ridículo e que só o imperio do habito o torna supportável em todas as nossas linguas, (exceptuado sómente o inglez.)<sup>1</sup> O profundo pensador Renouvier observa que as linguas mythicas e poeticas tendem a desaparecer caindo pedaço a pedaço e que a américa dos seus fragmentos existentes, só o pedantismo dos grammaticos e o absurdo das suas leis a pode justificar. No entanto declara que na expressão litteraria, na vida da família e da nação, não é nem

desejável, nem possível substitui-las por uma lingua artificial, substituição que não é, todavia, impossível, ainda que muito lenita, na linguagem científica. E' superfluo estar a encarecer o valor da lingüagem na expressão dos fenômenos de consciencia; a cada instante nós observamos o seu influxo poderoso, tanto na formação das idéas, corona sua conservação na sua comunicação. E' pela linguagem que o nosso raciocínio fixa as distinções ideologicas, uma vez feitas, e retém, as idéias abstractas de modo durável. Em todas as formas ondeantes, caprichosas e rebeldes da actividade mental, variaveis constantemente no espaço e no tempo, encontramos sempre a linguagem, como servidor honrado, fiel e docil do pensamento em seus diferentes caminhos e direcções. A estrutura mental de cada individuo, os próprios habitos de pensar de cada povo, são transmitidos pela lingua. Reconhecendo as altissimas vantagens d'este precioso instrumento, não concordamos todavia com os philosophos que intendem que sem linguagem não haveria pensamento; as

<sup>1</sup> Ch. Renouvier, Essais de critique générale, psychologie rationnelle, vol. I, pag. 162.

ideias não dependem absolutamente das palavras, sem elas o homem pensaria mal e custosamente, todavia pensava.<sup>4</sup> Era a Broca que devemos a primeira noção verdadeiramente científica e a classificação anatômica exacta e precisa do síndrome clínico, actualmente designado em ciência pelo nome de *aphasia motora* (tipo Bouillaud-Broca), *aphasia atáxica* de Kussmaul. E devemos a esse eminente professor esta importante acção científica por ter sido elle o primeiro que conseguiu adaptar a uma boa observação clínica uma autopsia minuciosa, em breve acompanhada de muitas outras, tendentes a mostrar a estreita relação que existe entre a perda da linguagem articulada e uma lesão, mais ou me-

nos profunda, da parte posterior da tecido circunvolução frontal esquerda.<sup>5</sup> Era certo que Bouillaud em 1825 localizara a linguagem articulada nos lobos anteriores do cérebro e que Dax, em 1836, notando que a perda dessa função coincidia as mais das vezes com uma paralisia do lado direito do corpo, fôr um pouco mais adiante, dando-lhe como sede o hemisferio esquerdo do cérebro. Mas estas localizações eram apenas conjecturas por lhes faltar uma base anatômica que só uma autopsia regular e methodica lhes poderia fornecer e que nós encontramos pela primeira vez mencionada, com todo o rigor científico, na memória sobre a *aphemia* apresentada por Broca em 1861, à *Sociedade Anatomica de Paris*.

A palavra *aphasia*, introduzida na ciéncia por Chrysaphis, foi durante muito tempo empregada, em neuropathologia, para designar simplesmente a perda da linguagem articulada.<sup>6</sup> Era que ninguém suspeitava ainda, pelo menos em patologia, que a faculdade da linguagem fosse uma faculdade comple-

<sup>4</sup> Revista de Educação e Ensino, 3º anno, pag.

<sup>5</sup> Dr. Bettencourt Rodrigues.

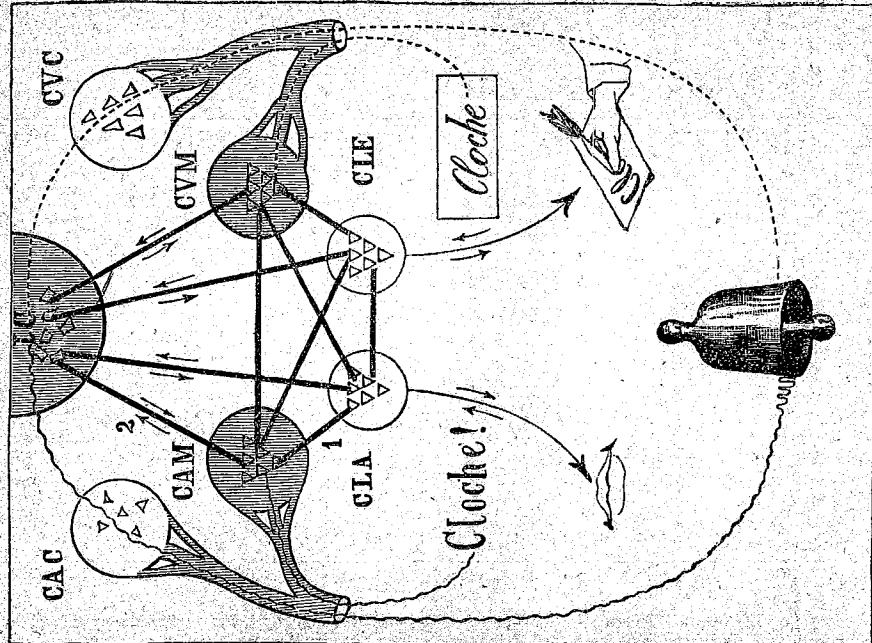
Todo o trecho que em seguida transcrevemos pertence a este nosso ilustre amigo, talentoso medico alienista pela faculdade de Paris e notável professor de Psychiatria no curso livre, feito no hospital de Rihafolles.

xa, um agregado de funções, a cada uma das quais corresponde uma localização anatômica diferente. Se um certo número de autores, como Marçé, Falret e Trouseau, haviam já nascido que, na symptomatologia da aphasias, se apresentavam, às vezes, algumas particularidades curiosas e, entre estas, por exemplo, certas perturbações da escritura da leitura, não se deu, todavia, ao estudo e observação destes sintomas todo o valor e importância, com que mais tarde se haviam de impôr à atenção dos nevrólogistas.

Só mais tarde, em 1874, com os trabalhos de Vernicke e Kussmaul sobre aphasias sensorial e cegueira verbal, é que a pathologia da linguagem entra finalmente numa nova phase de crítica e de exame. Em França, Magnan e seus discípulos e, particularmente mademoiselle Nadine Skwartzoff, na sua tese sobre cegueira e surdez verbal, Charcot, nas suas lições sobre aphasias, e, inspirados nos trabalhos do mestre, Bernard, na sua tese inaugural, e Ballet, na sua dissertação de concurso, não contribuiram em

menor grau para a elucidação d'este problema, muito interessante, de patologia mental e nervosa. *Accumularam-se as observações tendentes a mostrar que, ao lado da perda da linguagem articulada, havia uma outra forma de aphasias, igualmente d'ordem motora; que doentes, nos quais se não notava a mais pequena dificuldade de articulação verbal, se achavam, todavia, na impossibilidade de traçarem pela escrita uma phrase ou uma simples palavra; nos quais se notava, em summa, uma integridade completa, ou melhor quasi completa (porque estas duas formas de aphasias se associam as mais das vezes) da linguagem falada, mas uma perda absoluta da linguagem escrita (*agraphia*).*

Mas não é tudo ainda, e é sobre este ultimo ponto que insistiram particularmente Vervicke, Kussmaul e Charcot: doentes há que, possuindo a linguagem articulada e a linguagem escrita, perderam no entanto a faculdade de percepção da palavra escrita ou falada, isto é, a *visão mental* da língua-



Schema Charcot

204  
gem, como elemento representativo das ideias é dos objectos. E assim foi que a patologia se viu obrigada a destruir a pretendida unidade da aphasía, estabelecendo ao lado das aphasias essencialmente motoras, chama-das também de TRANSMISSÃO e compre-hendendo a *aphemia*, ou *aphasia motora*, tipo Broca, (perda da linguagem articulada) e a *agraphia* (perda da linguagem escrita), as aphasias puramente sensoriais ou de RECEPÇÃO, comprelen-dendo a *cégeira* e a *surdex verbal*, determinadas por uma perda da perce-pção das diferentes expressões da lingua-

gem. Mas, antes de irmos mais longe, veja-mos qual o mecanismo, ou o processo physisch-pathologico destas diferentes formações da aphasía e, para isso, recorrermos ao schema de Charcot, tão claro, tão elucidativo na analyse dos diferentes ele-mentos, ou unidades funcionaes da lin-guagem.

Este schema terá, entre outras, a van-tagem de nos fazer assistir à formação da idéia e da palavra que a representa e

de nos indicar, d'um modo por assim dizer palpável, os diferentes laços que mutuamente as ligam. E certo que elle não é mais do que uma simples hypothese, mas hypothese aceitável, que nos dá, nitidamente, a explicação dum certo numero de phenomenos psychologicos por outra forma difficilmente comprehensiveis.

Vejamos, pois, como é que no nosso espirito se forma a idéia completa e precisa d'um objecto e, ultimamente, a palpável, ou signal representativo d'essa idéia.

Melhor compreenderemos, depois, as diferentes alterações da linguagem, designadas sob o nome genérico de *aphasia*. O objecto e a palavra são (cloche) do schema de Charcot, prestam-se particularmente a esta analyse. O sino toca. As vibrações, transmitidas por intermédio do nervo acustico, vão gravar-se em uma determinada região da superficie cerebral, destinada à percepção dos sons, no centro auditivo commun (C.A.C). Os elementos celulares constitutivos d'esta região acham-se desde logo funcionalmente

te diferenciados e o som do sino, as vibrações que o constituem, fixar-se-hão ali, como um *deposito cerebral*; isto é, como *imagem auditiva* do som, apta a revelar-se em certas e determinadas circunstâncias. Mas não temos ainda a *ídea* do objecto. Tivemos apenas uma sensação, que nos poderá revelar uma das propriedades, ou qualidades do objecto; mas que não é ainda, por si só, nem mesmo o vislumbre da *ídea de sino*. Para que esta se constitua definitivamente no nosso espírito é necessário que n'um centro cerebral, de *hierarchia superior*, no centro de ideação (I.C), se conjuguem, se associem as diferentes sensações ou *imagens de sensações*, que nos são fornecidas pelos diferentes apparelhos sensorias e derivadas d'um mesmo objecto, imagem auditiva, visual, tactil, etc., e só então, quando à sensação de som tivermos alliado as sensações de forma, de cor, de consistência, etc., que nos esclareçam sobre as diferentes qualidades e modos de ser d'esse objecto (um sino, no caso presente), é que teremos a *ídea completa* e precisa d'esse mesmo objecto.

cto. Em todo este trabalho mental para a constituição definitiva d'uma *ídea*, vermos pois, que a *sensação* é o facto psychologico primitivo, inicial, e *associativa*; de *sensações* uma operação complementar, ulterior, mas necessária. Esta lei, formulada em Inglaterra por psychologistas como Hartley, Stewart, Mill e Herbert Spencer, é aceita e defendida em França pela escola da Salpêtrière e encontramol-a nitidamente exposta no recente trabalho de Ballet, sobre *Linguagem interior*.

Pelas considerações que precedem podemos já entrever como é que a *ídea* se pode estabelecer no nosso espírito independentemente da palavra que a representa. Mas entremos mais a fundo no estudo da questão e vejamos agora como é que adquirimos a palavra, como signal representativo da *ídea* e, até um certo ponto, como seu equivalente no trabalho intelectual.

Temos a palavra *sino* (cloche) que vem impressionar uma célula d'um centro especial, o centro auditivo das palavras.

vras (CAM) perto do centro auditivo continuum (CAC). Por um processo idêntico ao anterior, a imagem tonal auditiva da palavra *swo* fixar-se-á *ali* dum modo definitivo. Se o centro de ideação ou de associação (IC) intervém e a imagem tonal da palavra *swo* se habita a associar a imagem visual, tactil e auditiva (som) do objecto a que repetidas vezes a ouvimos aplicar, teremos que d'atí em diante a palavra *swo* bastará para despertar as diferentes imagens sensoriais, que reunidas, associadas, nos darão a ideia completa de swo, da mesma forma que a imagem visual poderá despertar a imagem auditiva, tactil, etc.

*Comprehendemos* a palavra swo, mas não a pronunciamos, não a *articulamos* ainda. Para isto é necessário que a imagem auditiva da palavra swo, por assim dizer, repercutir-se num novo centro especial, destinado à coordenação dos movimentos necessários para a articulação da palavra (CLA). Pela educação, pelo hábito, facilitado por uma aptidão hereditária, conseguimos articular nitidamente a palavra e a sua *imagem motora* de ar-

ticulação fixar-se-á definitivamente nesse novo centro cerebral, entrando, desde então, na posse da linguagem articulada.

Vejamos agora o que se passa com relação à leitura e à escrita. O mecanismo fisiológico é análogo aos já anteriormente descritos. A *imagem visual* da palavra vem fixar-se num centro especial (CVM),<sup>4</sup> centro visual das palavras. Este centro acha-se em relação tão íntima com o centro das imagens auditivas e com o centro de associação das imagens sensoriais, ou centro de ideação (IC), que, d'ahi em diante, a vista da palavra escrita despertará não só a sua imagem auditiva, como também as imagens associadas, isto é, a ideia concreta do objecto. Mas, como passamos da leitura para a escrita?

Para isto é necessário que a imagem visual da palavra vá repercutir-se num *outro centro* (CLE), centro da linguagem

Foto: E. B. S. - Ed. Min. da Educação  
do Centro CVC é o centro visual continuum para as sensações de forma, cor, etc.

escripta. Começamos por copiar a palavra, com hesitações, com uma certa dificuldade ao começo, mas os movimentos dos dedos e da mão vão se regularizando pouco a pouco até que o centro CLE, suficientemente educado, acabará por conservar a memória dos movimentos necessários para a representação gráfica da palavra, memória que invocamos sempre, ainda que inconscientemente, no acto de escrever.

Pelo que precede vemos finalmente que a palavra compõe-se de dois elementos SENSORIAIS, um *auditivo* (imagem auditiva da palavra) e outro *visual* (imagem visual) e de dois elementos MOTORES, um *oral* (imagem motora de articulação) e o outro *gráphico* (imagem motora gráfica) e, consequentemente, vemos também que são de duas ordens as funções da linguagem: funções centripetas ou de recepção (leitura e audição das palavras) e funções centrífugas ou de transmissão (palavra falada e palavra escrita).

Ora, sendo a aphasias um syndrome clínico no qual se incluem todas as alte-

rações da linguagem, é certo que teremos tantas formas de aphasias quantas forem as funções da linguagem: APHASIAS DE RECEPÇÃO, comprendendo a *Cegueira*, e a *surddez verbal*; APHASIAS DE TRANSMISSIONE, comprendendo a *aphemia*, também chamada *aphasia motora* (tipo Boëillaud-Biocal) e a *agraphia*.

#### ON APHASIAS DE RECEPÇÃO: *Cegueira* e *surddez verbal*

*Arcęgueira verbal* consiste na perda mais ou menos completa da faculdade de compreender a linguagem escrita. O individuo atacado de esta forma d'aphasia fala, ouve e pode mesmo escrever correctamente; o que se acha, porém, é na impossibilidade de ler. Esta forma d'aphasia é raras vezes completa; o doente às vezes consegue ler, ainda que com dificuldade, um certo numero de sílabas, e uma ou outra palavra, e mais facilmente os caracteres manuscritos do que os caracteres de impressão.

*Compreende-se isto, porque embora*

tenha perdido a memória visual das palavras, não perdeu em todo o caso a memória dos movimentos necessários para a escrita. E' invocando esta memória e fazendo com a mão os movimentos necessários, para escrever a palavra, que elle consegue decifrá-la.<sup>1</sup> Estes movimentos provocam uma sensação que vai despertar, num cérito especial, a imagem visual da palavra.

Ao lado da cegueira verbal, propriamente dita, existe uma cegueira chamada *cortical* e uma *cegueira psychica*. Cegueira cortical é a perda da percepção das impressões luminosas. Cegueira psychica é a perda das imagens comminorativas dos objectos com conservação, pelo menos parcial, da visão luminosa.<sup>2</sup>

A cegueira verbal parece dever-se atribuir a uma lesão do lóbulo parietal inferior do hemisferio esquerdo.<sup>3</sup>

*Surdez verbal:* é a perda da percepção dos signaes vocaes, isto é, da linguagem articulada. Esta variedade de aphasia coloca o doente, segundo a opinião de Kussmaul, na situação dum individuo vivendo no meio dum povo que lhe fala uma lingua desconhecida. Ouve que lhe fallam, mas não sons a que não liga a menor idéia.

Da mesma maneira que existe uma cegueira cortical e uma cegueira psychica, existe igualmente, ao lado da surdez verbal, uma *surdez cortical*, que é a abolição completa da audição, e uma *surdez psychica*, com a qual o individuo não só não comprehende as palavras que ouve, mas deixa igualmente de apreciar a propria significação dos diferentes sons.

*A surdez verbal* parece ligada a uma lesão da primeira circunvolução temporal esquerda.

<sup>1</sup> Ch. Férey—Des troubles de l'usage des signes.  
*Revue Philosophique*—n.º 6—juin 1884.

<sup>2</sup> Dr. G. Ballet.—*Le langage intérieur*. Paris, 1886.

**APHASIAS DE TRANSMISSÃO:** *Aphasia motora*, *Typo Bouillaud-Broca* (aphemia, aphasia ataxica, logoplegia); *agraphia*.

**A PHASIA MOTORA** ou *aphemia* é a perda mais ou menos completa da memória dos movimentos coordenados necessários para a articulação da palavra. Eis-<sup>1</sup>ta a definição de Bernard que, pela sua clareza e concisão, me parece dever ser adoptada.

Um indivíduo comprehende perfeitamente a linguagem fallada ou escrita, escreve elle mesmo correta e correntemente, a sua phisionomia denota uma inteligência viva e intacta; Pelos seus actos, pela sua maneira de proceder mostra comprehender perfeitamente tudo quanto se passa em volta de si, mas se por acaso o interrogam, o doente acha-se na impossibilidade absoluta de responder, de emitir, de ejacular — permitam-me a expressão — uma palavra ou

<sup>1</sup> D. Bernard.—*De l'aphasie et de ses diverses formes*. Paris, 1885.

mesmo uma simples syllaba, apesar dos esforços que emprega e embora se lhe não encontre o mais pequeno vestígio de paralysia de qualquer dos órgãos necessários à articulação da linguagem. E' um *aphemico completo*: Mais, em geral, as coisas não se passam assim e o aphemico conserva algumas syllabas ou mesmo algumas palavras. Às vezes, menos arrumado por esse desastre pathológico, foi simplesmente uma certa cathegoria de palavras que elle perdeu — os verbos, por exemplo, os substantivos, etc. Outras vezes, na contex-  
tura da phrase, e simplesmente a ordem grammatical das palavras que se acha inválida (*agranmatismo*), ou são palavras que lhe ficaram e as quais procura amparar-se, mas que emprega mal a propósito para substituir as que perdeu (*paraphasia*). As variedades são muitas; limito-me a indicar as principais.

Este tipo d'aphasia acha-se em regra geral associado a uma paralysia mais ou menos completa da metade direita do corpo e a sua lesão reside, pode-se dizer

que invariavelmente, na parte posterior